

EDITORIAL

Este é o terceiro número do primeiro volume da revista *Pedagogia da Ancestralidade*. Chegamos ao final do ano de 2023 com grandes realizações, tanto em termos de vivências, quanto em termos de produção, especialmente por meio desta revista. Desde o primeiro número, temos nos dedicado a provocar reflexões sobre a ancestralidade no nosso dia-a-dia, saindo daquela ideia etérea e distante muitas vezes enunciada quando nos referimos a ancestralidade.

A partir das experiências de nossas malungues, que cruzaram/cruzam conosco o rio do curso de extensão que leva o mesmo nome da revista ou mesmo o rio da vida, abordamos a ancestralidade desde os nomes, as famílias, os territórios... Falamos de memórias, lutas e resistências; falamos de amor, de afeto, de denço; falamos de comunidade, de relação com a terra; falamos de ervas e plantas e de como elas participam da construção da nossa identidade, estando presentes nas mais diversas tecnologias de cuidado em saúde, seja a partir da alimentação, dos rituais, dos banhos, ou dos remédios. Denunciamos opressões, injustiças e o racismo a partir de experiências que, embora dolorosas, foram compartilhadas.

Isso tem sido importante pra nós: falar. Seja das dores, seja das alegrias, mas falar com propriedade daquilo que é nosso, daquilo que nos afeta, daquilo que nos constitui. Falar a partir das ciências e da pluriversidade preta e indígena; a partir de nossas próprias tecnologias. Falar daquilo que nos une e daquilo que nos separa. Deste modo, chegamos ao fim deste ano em um franco processo de golfo de muitas coisas guardadas e contidas, mas também de declamação de doces vivências, de reconhecimento das nossas memórias, e de enunciação de nossos passos e de nossos bons desejos pelo nosso bem-viver.

E nesse momento de fim de ano, revivemos as heranças ancestrais que nos foram ensinadas pelos nossos povos, de ritualizar a passagem de ano. Não se trata de mudar uma folhinha na parede, mas de entender que a vida acontece em ciclos que se renovam, recomeçam. Faz parte da nossa identidade preta e indígena ritualizar esses ciclos, celebrar o que se encerra e o que (re)começa, o que vai e o que fica. Eu, particularmente, chego nesse fim de ano com uma série de mudanças e rompimentos que não sei ainda pra onde vão me levar, mas eu sigo. Ritualizar essa passagem de ano vai significar, pra mim, realmente, recomeços em diversas dimensões da vida. Vou levar o que aprendi, esperando que nunca me esqueça desses aprendizados, seja pra fazer melhor mais adiante, seja pra não cometer os mesmos erros. Mas não tenho pressa, estou no meu tempo.

EDITORIAL

E uma coisa que tentei exercitar esse ano foi entender meu tempo, meus ritmos, meu fluxo e entender como, mesmo pulsando numa cadência diferente de tudo que me rodeia, ele pode se encontrar e até se integrar a outros movimentos, ritmos e fluxos; como eu, mesmo sendo diferente e particular, movo e contribuo para o todo, o movimento único da vida.

Tempo foi a palavra guia na preparação deste número. Mas isso foi percebido só depois de praticamente terminar a sua edição. Não foi de propósito. Mas se você procurar por tempo e por palavras relacionadas a ele, como ciclo, ritmo, pressa, demora, fluxo, passo, você vai perceber como, no final, mesmo falando de temas tão distintos, as obras que compõem esse número trazem, lá no fundo, a reflexão sobre como lidamos com o tempo e sobre como lidamos com a pressa em nosso momento agora, nos nossos espaço-tempo de hoje. E acabam, também, falando das experiências de povos e comunidades tradicionais como uma inspiração, ou talvez um caminho de retorno, para relações mais saudáveis com o tempo. Retorno... sim, esperamos e caminhamos para o retorno do nosso bem-viver, desejosos de justiça histórica, cognitiva e territorial, e também de reparação para com nossos povos negros e indígenas.

Que em 2024 possamos lembrar das nossas próprias filosofias que nos ensinam a olhar o céu e as estrelas. Que nos ensinam a honrar nossos ciclos e nosso tempo, que também é sacralidade. Que nos mostram que Exu, que é ancestral e descendente, ele funda o tempo, que não tem fim nem começo, e torna simultâneo o que existe, o que preexistia e o que o que ainda é mistério para nós. Que nos provocam a ter comprometimento com o propósito da nossa existência, a saber que nosso espírito e nossas obras pertencem ao tempo da eternidade. Que nos reconectam com a natureza e seus ciclos. Que nos mostram que natureza não é recurso, é parente, é divindade.

Como diz a canção, que possamos voltar pra ver nosso tataravô reinar.

Desejamos a todes uma excelente interação com nossas obras e também um ano de justiça, de reparação e de bem-viver.

por Carlos Pereira